

ME BEIJA

Roteiro de Werner Schünemann, Rudi Lagemann,  
Giba Assis Brasil e Luis Henrique Palese  
20/04/1983

\*\*\*\*\*

CENA 1 - VENDA DOS MÓVEIS  
apartamento, interior, dia

Três homens estão carregando coisas de um apartamento para fora. Um deles é o patrão, coordena os movimentos, ajuda a carregar. Raul está parado olhando, rosto um pouco introspectivo. Os homens levam mesa, cadeiras, armário, fogão, geladeira. Raul olha, às vezes dá passagem a um móvel um pouco maior ou nota algum descuido e tem a tentação de dar um palpite, mas desiste, dando-se conta de que não tem mais nada com aquilo.

CENA 2 - CAMINHÃO  
rua de Raul, exterior, dia

À frente do prédio, na rua, está encostado o caminhão da loja de móveis usados. Os homens terminam de carregá-lo, secam o suor nuns panos e vão entrando na boléia. O patrão termina de fechar o caminhão e aproxima-se de Raul. Paga, entra no caminhão e parte. Raul fica parado, olhando a rua. Está com uma sacola e uma bolsa menor. Por fim, sai caminhando.

CENA 3 - ESTRADA  
estrada, exterior, tarde

Um ônibus vai a Canela pela RS que liga Nova Petrópolis a Gramado. A estrada é cheia de curvas; a região, de morros e vales. Muitas árvores, matos naturais, pomares e áreas cultivadas.

CENA 4 - CHEGADA  
frente da escola, exterior, tarde

O ônibus para em frente a uma escola. A porta abre, sai o motorista e Raul sai atrás. A escola fica à beira da estrada, retirada da cidade. O motorista pega a sacola de Raul e volta ao ônibus. Ouve-se, ao fundo, uma algazarra de escola, com gritos, risadas e bagunça. Raul pega a sacola, põe no ombro e começa a subir a rampa que leva à escola. Na cancha de esportes que fica ao lado da rampa, os alunos da escola estão em plena gincana. Raul sobe devagar, olhando com interesse. É abordado por três alunos, todos com chapéu panamá e uma tira verde no pescoço, que chegam correndo, esbaforidos.

ALUNO 1 - O senhor tem mais de trinta anos?

RAUL - É... um pouco mais. (OLHA OS TRÊS) Mas não muito.

ALUNO 1 - Então o senhor podia dar uma ajuda e correr num saco pra nossa equipe! (RAUL MOSTRA ESPANTO)

ALUNO 2 - É que precisa de um homem e uma mulher correndo num saco, só que tem que ter mais de trinta.

RAUL - Num saco? Não sei se consigo.

ALUNO 3 - É fácil. Já tem um monte de velho que topou.

ALUNO 1 - Dá uma força, senão a gente não consegue os pontos. Tamo quase ganhando.

CENA 5 - CORRIDA

pátio da escola, exterior, tarde

O ruído aumenta. Vários casais estão alinhados, enfiados em sacos duplos. Raul divide o seu com uma mulher que o olha com uma especie de condescendência maternal.

Largam. Grande algazarra na torcida. Raul dá tudo de si, quase arrastando sua companheira, e a sua dupla vence. A "Equiverde" rodeia-os, abraçando-se e vibrando com a vitória. Raul consegue pegar a sacola enquanto o tiram do saco. Em seguida, é erguido e levado pelos alunos nos ombros. Um grupo aproxima-se resoluto da mulher, mas perde o jeito. Agradecem-lhe, dão-lhe a mão e decidem ir festejar com os outros. Raul, que a princípio estava um pouco surpreso e assustado, acaba vibrando também, erguendo a sacola como um troféu, festejando. Ensaiam uma volta olímpica, outras equipes ensaiam uma vaia. Raul é largado no chão. Cai sentado e um aluno chega bem perto para ser ouvido.

ALUNO 4 - Quanto tempo o senhor consegue segurar a respiração?

CENA 6 - PRIMEIRO ENCONTRO

sala de Vera, interior, dia

A porta do gabinete de Vera abre e Raul surge. Ela está com uma aluna que chora. Não gosta da interrupção.

VERA - O que o senhor deseja?

RAUL - É que... achei que a sala do diretor ainda fosse aqui. Mudaram tudo?

VERA - Um pouco. Ele está aqui ao lado.

RAUL - (OLHANDO PARA VERA) Ah...

VERA - Só isso?

RAUL - (VOLTANDO A SI) É. Muito obrigado. (FECHA A PORTA)

CENA 7 - PRIMEIRA SALA DO DIRETOR  
sala do diretor, interior, dia

DIRETOR - Podes ficar no quarto do fim do corredor, tu sabes qual.  
(RAUL OLHA-O SORRINDO) Ficas até quando?

RAUL - Dois ou três dias.

DIRETOR - (PAUSA. OLHA-O) Estamos sem hóspede nenhum, no momento.

RAUL - Entrei na sala do lado por engano. Tem uma moça lá que não gostou.

DIRETOR - Dona Vera é nossa orientadora educacional. Trabalha bem, mas não deve ser interrompida. (PAUSA. NÃO HÁ MAIS O QUE FALAR. NOTA-SE QUE O DIRETOR NÃO ESTÁ MUITO SATISFEITO COM AQUELA VISITA) Vou mandar preparar o quarto.

CENA 8 - ASSINANDO O PONTO  
sala dos professores, interior, dia

Os professores não conversam muito de manhã cedo. Há alguns arrumando papéis, sentados lendo jornal, alguns bons-dias. Vera termina de assinar o livro-ponto e sai. Outros também saem. No corredor, a um canto, na semi-escuridão, está Raul. Os últimos alunos entram correndo nas salas. Há professores mandando alunos para dentro.

CENA 9 - CÃIBRA  
corredor, interior, manhã

Vera é aguardada na porta da sala por um grupo de alunos. Dois estão apoiando um terceiro nos ombros, mais dois estão juntos.

ALUNO 5 - Professora, ele tá com cãibra.

VERA - Quem?

ALUNO 6 - Tá doendo, professora! (É O DA CÃIBRA)

ALUNO 7 - A gente vai levar ele na enfermaria. Ele não pode caminhar. (PEGAM O COLEGA EM "CADEIRINHA" E VÃO SAINDO)

VERA (SORRI) Tá, tá legal, todo mundo pra dentro. (OS ALUNOS INSISTEM) Sem essa, Paulo. Vamos entrando. (COMEÇAM A RIR, COM

EXPRESSÃO DE "NÃO DEU CERTO". O DA CÃIBRA TAMBÉM ENTRA CAMINHANDO)

CENA 10 - RAUL BATE

corredor e sala de aula, interior, dia

Raul está parado defronte a um quadro mural. Olha para os lados, corredor vazio. Vai rápido até a sala onde entrou Vera e bate. Uma aluna, sentada junto à porta, abre-a sem sair da classe.

RAUL - Preciso falar com Dona Vera.

A porta abre mais e Vera, surpresa, suspende as atividades com um gesto. Há rumores maliciosos. Vera vai até o corredor e semicerra a porta. O ruído da sala, mesmo assim, aumenta consideravelmente.

VERA - Bom dia! Qual é o problema?

RAUL - (PAUSA) Nada.

VERA - O senhor disse que queria falar comigo?

RAUL - É.

VERA - Muito bem...

RAUL - Deu. Já falei.

VERA - (IRRITADA E DIVERTIDA) O senhor interrompeu minha aula pra não me dizer nada? Não tô entendendo.

RAUL - Não, eu tenho uma coisa pra dizer. É que eu me chamo Raul. Não agüento mais tu me chamando de senhor.

Vira as costas e sai andando pelo corredor. Vera olha-o intrigada. Não sabe se deve levar aquilo a sério, se há algo por trás, se é brincadeira. Raul vira-se, sem parar de caminhar.

RAUL - Eu apareço pra jantar qualquer dia destes!

Vera, resignada, volta-se para a sala, cujo ruído cresce muito quando ela abre a porta.

CENA 11 - CHÁ COM AÇÚCAR

casa de Vera, interior, tarde

O professor de literatura, Leandro, tem mais ou menos a mesma idade de Raul, mas terminam aí seus pontos em comum. Solteiro, tímido e delicado, quase não serve para professor. Entrou na escola dois anos antes que Vera, por quem mantém um amor oculto, de veneração muda. Os dois gostam de estar juntos, mas nunca tiveram qualquer relação mais íntima. Vera gosta dele, de seu

jeito encabulado, calmo, sincero e "gente". Leandro é muito humano.

Está, no momento, sentado na pequena sala do apartamento dela. É quase fim de tarde, e uma luz amarela entra pela cortina rendada, criando uma claridade cheia de detalhes. A sala é decorada com gosto. O grande número de estampados e de pequenos objetos de adorno aumenta o efeito da luz filtrada pela cortina.

Leandro fala com Vera em voz alta, já que ela foi à cozinha buscar água quente.

LEANDRO - Eu já fico esperando a hora do nosso chá desde o meio-dia. (VERA VEM PARA A SALA SORRINDO) As tardes são muito cansativas.

VERA - (COLOCA O BULE DE CHÁ SOBRE A MESINHA. FALA, SÉRIA) Não te dá um vazio, às vezes?

Vera volta à cozinha. Leandro, intrigado, levanta para ir atrás dela, mas quando chega à porta e obrigado a dar passagem a Vera, que vem voltando com uma travessa onde estão as xícaras, colheres e pires. Com isso, perde o ímpeto para falar. Vera, sem notar nada, continua.

VERA - É de tarde que eu atendo os problemas dos alunos. (SUSPIRA) É tanta coisa ruim... E não tem muito o que resolver, né? Ou eles se adaptam... Aí eu fico pensando: pô, o que é que eu faço do lado de cá da mesa? Eu tô do lado deles! (FICAM OS DOIS EM SILENCIO)

LEANDRO - (QUERENDO MUDAR DE ASSUNTO) Chegou um hóspede na escola, né? Tá morando no quarto no fim do corredor.

VERA - (SAINDO DE SUA REFLEXÃO) Parece que se chama Raul. (SORRI, COMEÇA A SERVIR O CHÁ) Acho que já tive uma espécie de conversa com ele.

LEANDRO - Ele veio lecionar?

VERA - Não parece. Me disseram que é um conhecido do Sartori.

Vera põe uma colher de açúcar na xícara de Leandro. Ele faz um sinal com a mão para que ela espere. Mexe e experimenta o chá com a colherinha. Vera aguarda, com a colher cheia de açúcar e um sorriso brincalhão no rosto.

LEANDRO - Mais uma.

Vera sorri e serve, já sabendo que isso iria acontecer.

CENA 12 - RAUL CHEGA PRO ALMOÇO

casa de Vera, interior, dia

Vera costuma cozinhar para si, principalmente nos fins de semana. Aproveita para relaxar e executar tarefas de modo descompromissado e preguiçoso, sem horários. Está, nesse momento, colocando um prato de salada na pequena mesa já posta para a refeição e que está na sala. Volta à cozinha para buscar o resto da comida. Quando retorna à sala, Raul está estirado sobre os almofadões, sem sapatos e de camisa aberta, olhando-a sorridente.

RAUL - Oi.

VERA - (APÓS BREVE REFLEXÃO RESOLVE FINGIR INDIFERENÇA. VAI ATÉ A MESA COLOCAR AS TRAVESSAS COM COMIDA) Não te vi entrar.

RAUL - Eu tava passando, vi luz ligada... (APÓIA-SE NAS ALMOFADAS) Muito confortável, aqui.

VERA (VOLTANDO DA COZINHA COM MAIS UM PRATO) Vou tentar lembrar que tu gostou. Almoça comigo?

CENA 13 - DEPOIS DO ALMOÇO  
casa de Vera, interior, dia

O prato de Raul está quase vazio. Vera já está pronta e não há resto de comida nas travessas. Raul come de cabeça baixa, sob o olhar inquieto de Vera.

VERA - Tu tem um jeito meio esquisito, né? (PAUSA) E um bom apetite. (PAUSA) Me disseram que tu é amigo do Sartori.

RAUL - (TERMINA DE COMER) Muito bom.

VERA - Ainda bem que eu fiz pra sobrar.

Raul não está ouvindo ou, se está, não demonstra. Deita-se, sem dizer uma palavra, sobre os almofadões, e dorme. Vera olha-o, inquieta.

VERA - (UM POUCO ZOMBETEIRA) Vou ter que lavar a louça sozinha?

CENA 14 - ANTES DO SUSTO  
RS-23, exterior, fim de tarde

Vera está passeando à beira da estrada, nas imediações da escola. Passeia com prazer, curtindo a paisagem, o céu, as árvores, o astral de fim de dia que há em tudo. Raul segue-a, de longe, procurando ficar oculto, mas de forma muito disfarçada, sem chamar atenção. Olha, avança, para, olha. Vera entra no atalho e Raul, vendo isso, corre pela estrada de maneira a chegar antes dela, fazendo uma volta.

CENA 15 - O SUSTO  
atalho, exterior, dia

O atalho é uma pequena picada onde só passa uma carroça: estreito, acidentado. Vera anda devagar, passeando despreocupada, absorta. De repente, saindo de uns arbustos, um corpo desaba à sua frente, estatelando-se no chão, causando um grande susto. O "corpo" é Raul.

RAUL - (NO CHÃO) Oi. (RI)

VERA - (DEVAGAR, MUITO ALTERADA PELO SUSTO) Vai à puta que te pariu! (RAUL DÁ UMA GARGALHADA. VERA SEGUE EM FRENTE)

RAUL - (LEVANTANDO E INDO ATRÁS) Ei! Eu tenho medo de me perder nesse mato! Posso andar contigo?

VERA - (VOLTA-SE BRUSCAMENTE. TÁ A FIM DE GRITAR COM ELE, MAS SE CONTÉM) Tu é louco, é? (COMEÇA, DEVAGAR, A RIR TAMBÉM, AGORA QUE O SUSTO PASSOU)

RAUL - (APROXIMA-SE E APONTA PARA O ARBUSTO DE ONDE SAIU) Tropecei numa raiz ali e levei o maior tombo.

CENA 16 - PAPO NO MATO  
atalho, exterior, dia

Raul e Vera andam. Ela olha-o, curiosa.

VERA - Posso saber como é que tu veio parar na escola?

RAUL - (COMO O ASSUNTO NÃO LHE INTERESSA, ASSUME INDIFERENÇA E LACONISMO FORÇADOS) Coincidência.

VERA - O pessoal tá comentando que tu deve ser amigo do Sartori. Ninguém é hospedado lá só porque pediu água na porta.

RAUL - É verdade.

VERA - O quê? Que tu é amigo do Sartori? (RAUL OLHA-A REFLETINDO, O QUE ELA TOMA POR DÚVIDA) O diretor, professor Sartori.

RAUL - Conheço de vista. (PARA NUMA ÁRVORE) Sabia que isso aqui é uma árvore frutífera? Pois é. Se um dia tu tiver perdida no mato(que nem eu há pouco), pode comer o fruto. Eu ia passar mal, porque agora não é época.

VERA - Tu vem de onde?

RAUL - Que insistência!

VERA - Tu tem que ter vindo de algum lugar, deve ter uma profissão, uma casa!

RAUL - É.

VERA - (MUDANDO O TOM) Afinal eu tô andando no mato com um cara que tá me paquerando há dois dias e quero saber qual é a dele.

RAUL - A dele, agora, é a senhorita.

CENA 17 - PONTE

ponte do atalho, exterior, dia

Chegam a uma ponte estreita, comprida, coberta e fechada dos lados. Raul para, Vera não nota e continua a caminhar.

VERA - (AINDA NO TOM DE BRINCADEIRA) E depois, se a gente não tiver perdido e conseguir sair dessa selva, quero saber onde te encontrar. (VIRA-SE) Que foi?

RAUL - Nada. Vera continua e Raul olha a ponte como se estivesse hipnotizado.

VERA - Vai ficar perdido de novo?

RAUL - Eu te espero aqui.

VERA - (VAI ATÉ O OUTRO LADO E ABANA) Vem!

Raul faz que não com a cabeça e senta de lado para onde está Vera. Ela senta no barranco, olhando-o apaixonada. Olha ao redor, respira fundo, com uma expressão de prazer. Olha Raul de novo, carinhosa, e então para baixo, pensando, mexendo com o pé no chão. Desenha um "V", etc. Por fim, resolve voltar. Raul está tenso, duro, quieto. Quando Vera se aproxima, ele levanta. Afastam-se sem dizer palavra.

CENA 18 - SERMÃO DA CARONA

pátio da escola, exterior, manhã

Os alunos estão agrupados, mais ou menos por turma, ouvindo os avisos da direção, antes de iniciar as aulas.

DIRETOR - Bom, nós pedimos várias vezes, avisamos do perigo, mas não adianta: parece que, enquanto não aparecer um castigo, vocês não atendem. Portanto, a partir de hoje, por decisão dos professores, quem for descoberto pedindo carona aí em baixo, está automaticamente convocado para trabalhar na limpeza da escola. (REAÇÃO ENTRE OS ALUNOS. O DIRETOR ESPERA QUE SUAS PALAVRAS FAÇAM EFEITO) Nós somos responsáveis por vocês, e qualquer coisa que

acontecer pode se transformar em processo judicial contra nós! É claro que seus pais se preocupam e são os primeiros interessados nessa medida. Essa escola anda de braços dados com os pais e com vocês. (PAUSA. TOM) Ô, pessoal, vocês não precisam pedir caronas por aí como... mochileiros! E as meninas também, ainda por cima! É tão perigoso! Cooperem para o andamento normal da escola! (TOM INICIAL) Bem, espero nunca precisar usar essa pena. Mas estejam certos de que ela será aplicada, se houver outras caronas por aí. Entendido? (SILÊNCIO) E agora, outra notícia: sexta-feira, amanhã, haverá um jogo de futebol entre professores e alunos. O jogo começará às quinze horas, e as aulas da tarde estão suspensas. Isso não significa que ninguém precisa vir à escola. Prestigiem promoções como essa. Principalmente para torcer pelo time dos professores. (RISOS E ALVOROÇO. O IMPACTO DA PROIBIÇÃO DA CARONA FOI QUEBRADO)

CENA 19 - SAÍDA DO GRUPO LITERÁRIO  
casa de Leandro, exterior, tarde

Leandro mantém um grupo literário, formado por alunos do último ano. Os alunos estão saindo da casa dele. Na frente da casa, sentado, está Raul. Leandro fica um pouco perturbado quando o vê. Os alunos estão saindo, Lúcia e Paulinho beijam-se à porta e depois saem de mãos dadas, deixando Leandro um pouco constrangido. Todos se despedem dizendo "até amanhã" ou "até a próxima", "tchau", etc.

LEANDRO- Boa tarde. (RAUL OLHA OS ALUNOS SE AFASTANDO. LEANDRO FALA A RAUL) É um grupo de estudo de literatura... pro vestibular.

RAUL - (OLHA-O, SÉRIO, E SORRI) Oi. Vim tomar chá.

LEANDRO - Bom... (RAUL PASSA POR ELE, ENTRANDO) Entra.

CENA 20 - ANTES DO CHÁ DE RAUL E LEANDRO  
casa de Leandro, interior, tarde

Raul já está sentado numa poltrona.

RAUL - Hum... Boa poltrona. (SORRINDO CURTO) Eu sou Raul.

LEANDRO - (ESTENDENDO-LHE A MÃO) Prazer, Leandro.

RAUL - (PEGANDO A MÃO DE LEANDRO-) Pois é, eu vim tomar chá. Te vejo sempre na casa da Vera. Deve ser pra tomar chá.

LEANDRO - Ah, e é. Aceita uma Xícara?

CENA 21 - CHÁ DE RAUL E LEANDRO  
casa de Leandro, interior, tarde

Raul e Leandro tomam chá. Raul observa a sala, decorada com discrição, com pequenas antigüidades.

RAUL - (MOSTRANDO A XÍCARA) Todo mundo toma por aqui, né?

Leandro confirma, meio indeciso. Raul sorri, fingindo cortesia.

RAUL - Acho que vou começar a aparecer pro chá. Fica bem. (LEANDRO SORRI DESCONSERTADO)

CENA 22 - PRIMEIRA DESPEDIDA  
casa de Vera, exterior, tarde

Vera abre a porta. Raul está parado à sua frente, muito sério.

RAUL - Oi.

VERA - Oi. (INDECISA) Quer entrar?

RAUL - (OLHA UM POUCO AO REDOR SEM RESPONDER) Vim me despedir.

VERA - (SURPRESA) É? (FICA ATRAPALHADA) Bom... Claro, né, tu veio só pra um fim de semana... e já é quinta-feira...

RAUL - (SÉRIO) Já. (VERA OLHA-O ENTRE APAIXONADA E SUPLICANTE. O ROSTO DE RAUL ESTÁ TENSO, CRISPADO)

VERA - (FALA BAIXINHO, SEM DESVIAR OS OLHOS) Tu tem que ir mesmo? (RAUL CONFIRMA) É que... a gente nem chegou a conversar direito... Né?

RAUL - É que eu acho que... (SUSPIRA) Não sei se adianta conversar. (VERA OLHA-O, SURPRESA) Se a gente conversasse, tu ia acabar acreditando em mim. (VERA ESTÁ CADA VEZ MAIS SURPRESA) E eu não tenho esse direito... Eu acho.

VERA - Raul... pô, foi por tua culpa que a gente não conversou mais. Eu tentei, te lembra? Tu é gozado, sabe? Primeiro parece um cara agressivo, até divertido e... sei lá, até uma certa arrogância... E agora tu parece tão... fraquinho!

RAUL - (SORRI AMARGO) Tu também não parece muito forte.

VERA - (INCRÉDULA) É?

RAUL - Eu só vim pra dizer tchau.

VERA - É... (SORRI) Mas que jeito mais trágico.

RAUL - Eu?

VERA - (SORRI DE NOVO) Tudo bem... Não é uma despedida pra sempre, né?

RAUL - Não sei.

VERA - Olha aí, que dramático... (RAUL CONTINUA MUITO SÉRIO) Tu pode vir de novo, outro fim de semana...

Atras de Raul surge Antônio, aluno da primeira série do segundo grau. Está nervoso e um pouco sem jeito, com uma expressão geral de angústia.

VERA - (VENDO ANTÔNIO) Oi!... Quer falar comigo?

ANTÔNIO - É... Sei lá... Se a senhora tiver tempo... (VERA OLHA RAUL QUE, DE COSTAS PARA ANTÔNIO, CONTINUA A FITÁ-LA, SÉRIO) Senão eu venho amanhã... É só um papo. Eu vim hoje porque tive educação física e tava no colégio mesmo...

Enquanto Antônio fala, Raul vai se afastando de Vera, andando de costas.

VERA - (RÁPIDO E BAIXO PARA ANTÔNIO NÃO OUVIR) Vem sábado!...?

Raul já está quase em cima do aflito Antônio, e faz que não com a cabeça.

RAUL - Acho que não. (PAUSA) Tchau.

Vira-se bruscamente, quase assustando Antônio, por quem passa sem olhar. Vera baixa os olhos, triste e encucada com aquela atitude tão surpreendente de Raul. Olha para Antônio.

VERA - (NUM SUSPIRO, TENTA VOLTAR AO DIA-A-DIA) Bom, Antônio... Qual é o problema?

CENA 23 - ANTÔNIO E VERA  
patio da escola, exterior, fim da tarde

Vera e Antônio saem passeando em direção ao gramado à frente da escola. Antônio esta triste, meio enrolado pelo nervosismo.

ANTÔNIO - Eu não tô indo bem em matemática... desenho eu não consigo entender...

VERA - Mas é normal, Antônio. Vocês nunca tiveram desenho antes.  
ANTÔNIO - Mas os outros vão bem... E eu tô estudando, professora.

VERA - O Professor Néelson é um bom professor.

ANTÔNIO - Não é isso... Ele não me larga, pega no meu pé... fica

se aproveitando.

VERA - Se aproveitando como, Antônio?

ANTÔNIO - Ah, Dona Vera, eu não sei explicar. Eu acho que ele não vai com a minha cara... Sei lá. Eu nem fiz nada pra ele! Eu acho até que vou rodar.

VERA - Que é isso? Ele é uma boa pessoa! E o fato de tu rodares ou não só depende de ti. Vai ver, aconteceu alguma coisa que deixou ele magoado... Será que não?

ANTÔNIO - Juro, professora! É marcação mesmo! Aí eu fico nervoso, tenho medo dele, não consigo aprender nada!

CENA 24 - RAUL NO QUARTO  
quarto de Raul, interior, tarde

Raul está no quarto, guardando suas roupas. Faz tudo lentamente, com cuidado e carinho. Está tenso. Põe a calça na bolsa, depois camisa, meias. Pega uma camisa e coloca, desdobrada, na cama ao lado da bolsa. Começa a desabotoar a que está vestindo quando vê, pela janela, Vera e Antônio caminhando.

Observa os dois algum tempo. Vira-se para a bolsa, olha-a e vai até a mesinha, de cuja gaveta tira um revólver. Acima da mesinha há um espelho de tamanho médio, que reflete seus ombros e rosto.

Raul olha-se no espelho, baixa os olhos para algum infinito mais abaixo, volta a olhar-se. Ainda sem olhar para a arma, coloca-a de volta na gaveta. Seus olhos estão brilhantes. Vira-se, olha para a bolsa que estava preparando. Vê-se que acaba de tomar uma decisão. Vira o rosto, pega uma toalha e vai ao banheiro, onde liga o chuveiro.

CENA 25 - FIM DA CONVERSA DE ANTÔNIO E VERA  
pátio da escola, exterior, tarde

Os dois estão sentados na grama.

VERA - Eu vou falar com ele.

ANTÔNIO - Mas não diz que eu falei com a senhora.

VERA - Por que não? Talvez ele esteja agindo de uma forma e nem se dê conta do que esta acontecendo!

ANTÔNIO - (APAVORADO) Não, não fala com ele, professora, aí vai ser muito pior!

VERA - Mas como eu posso falar com ele se eu não disser que tu

vieste falar comigo?

ANTÔNIO - (PERTURBADO, DE CABEÇA BAIXA, MUITO NERVOSO) Então deixa, professora. Só que ele não vai entender. (BAIXA AINDA MAIS A CABEÇA, COLOCA-A ENTRE AS MÃOS. VERA OLHA-O COM PENA E AFAGA-LHE A CABEÇA, MATERNAL)

Vera olha ao redor e vemos imagens de prédios, o pátio vazio, os corredores, o fim de tarde embelezando as construções impessoais.

ANTÔNIO - Eu vou me ralar, professora. Isso aqui é um inferno.

CENA 26 - FUTEBOL  
cancha, exterior, dia

Jogo de futebol entre alunos e professores. Raul conseguiu um furo no time dos professores. Veste-se a rigor, com fardamento completo, destoando dos outros jogadores, alguns até de pés descalços.

Na apresentação dos times já vemos que não há torcida para o time de Raul. O jogo começa e vemos que Raul é, no mínimo, um tremendo perna de pau. Mas sempre sai das jogadas na maior pose, e ainda reclama da defesa.

Recebe um lançamento na linha de fundo, dá uma furada e a bola sai de campo e cruza a rampa de acesso da escola. Raul vai buscar a bola e, ao voltar, quase é "atropelado" por Vera, que está chegando de carro.

Vera para o carro e os dois olham-se por um breve momento, Raul com a bola na mão.

VERA - Achei que tu tinha ido embora.

RAUL - Perdi o avião.

Vera arranca, ele volta ao campo.

Na seqüência, alguém chuta, a bola bate em Raul e entra. Ele corre para a torcida dos alunos, mostra a camiseta, levanta os braços, dá o soco no ar, o sinal-da-cruz como Jairzinho, etc. Os alunos vão, divertidos.

Ele procura o carro de Vera, que já está parado mais acima onde Vera está conversando com Leandro, de costas para a cancha.

CENA 27 - RAUL CAMINHA ALEGRE  
pátio da escola, exterior, dia

Raul caminha ligeiro, alegre, em direção ao quarto de Vera.

Cumprimenta algumas pessoas no caminho. Abre a porta e bate depois.

CENA 28 - AGRESSÕES  
casa de Vera, interior, tarde

RAUL - Ô de casa!

Interrompe o gesto: Leandro e Vera estão tomando chá e olham-no surpresos.

VERA - Ué!

RAUL - (OLHANDO PARA OS DOIS, CONTRARIADO E FECHANDO A PORTA) Oi.

VERA - Chegou na hora do chá. (LEVANTA) Raul, esse aqui é o professor de literatura, professor Leandro. Este aqui é Raul, tá em visita na escola.

LEANDRO - Já nos conhecemos.

VERA - Já?

RAUL - (SAINDO DE SEU IMOBILISMO JUNTO À PORTA) É. Sempre que ele não tá ocupado, a gente toma chá juntos. (A FRASE É DITA COM UM SORRISO QUASE INFANTIL, MUITO AGRESSIVO NO CONTEXTO. SENTA)

VERA - Aceita um chá? RAUL - (DAQUI PARA A FRENTE REPRESENTANDO, CINICAMENTE) Eu não quero ser incômodo.

VERA - Que é isso, Raul?

RAUL - (FAZENDO MENÇÃO DE LEVANTAR) Eu posso vir depois que vocês estiverem... prontos.

VERA - (JÁ TRAZENDO A XÍCARA DE CHÁ) Não te esperava de volta tão cedo. Aliás, tu nem chegou a ir, né? Por isso que eu estranhei quando te vi hoje no jogo.

RAUL - No meio do caminho eu me lembrei que tinha deixado a torneira aberta. Aí resolvi ficar, mesmo. (PEGA A XÍCARA QUE VERA LHE OFERECE) O chá das seis.

LEANDRO - (SORRI E OLHA O RELÓGIO) Seis e dez.

RAUL - (DÁ UMA GARGALHADA FORÇADA E UMA PALMADA NA COXA DE LEANDRO) Ah, mas essa foi boa. Nunca pensei em tomar chá em hora quebrada!

VERA - (OBVIAMENTE TENTANDO MUDAR DE ASSUNTO) Vai ficar mais algum tempo, então?

RAUL - (COMO QUEM SE DESCULPA) Ah, é só tomar esse chá. (A LEANDRO) Não queria atrapalhar, mas tu viu que ela me forçou.

LEANDRO - Mas não atrapalha em....

RAUL - (CORTANDO) Eu sei como é... um chazinho... e tal. Tu é danadão, hem?

VERA - Que é isso, Raul?

LEANDRO - Não atrapalha em nada, é só que nós dois somos loucos por chá.

RAUL - E é tão bom descobrir coisas em comum, né? Sabe, uma vez conheci um cara que se matou envenenando o chá. (SORRI IDIOTA) Que tal? (VERA E LEANDRO OLHAM-SE RAPIDAMENTE) É, eu imagino que ser professor de literatura deve dar um vazão na gente. Em vez de escrever livros, ficar ensinando o que os outros escreveram. E ainda pruma gurizada que não quer nem saber. (COMO SE TIVESSE UMA IDÉIA) Não era melhor deixar eles lerem, em vez de ensinar literatura?

LEANDRO - (BUSCANDO APOIO NO OLHAR DE VERA) Bom, eu sempre recomendo...

RAUL - (COMO SE SE DESSE CONTA DE REPENTE E RESOLVESSE FAZER UMA PIADA) Ah, não dá. Aí tu perdia o emprego, né? (TOMA O CHÁ COM EXPRESSÃO SABIDA) Tô sabendo.

CENA 29 - CENA DAS NOZES  
casa de Vera, interior, tarde

Vera está fechando a porta, Leandro acaba de ir embora. Olha Raul furiosa.

VERA - Qual é a tua, Raul? Qual é a tua? Tu acha que tem o direito de chegar na minha casa e agredir os meus amigos? Tirar sarro da minha cara? (ALTERADA, QUASE GRITANDO, ENQUANTO RECOLHE A LOUÇA NUM VAI E VEM DA SALA PARA A COZINHA. RAUL DESCASCA, CALMAMENTE, ALGUMAS NOZES) Tu agora trata as pessoas assim? Sem o menor respeito? O Leandro é meu amigo, tá? É o meu melhor amigo e uma pessoa sensível e tu aproveita isso pra te divertir? Sabe que mais? (PÁRA NA FRENTE DE RAUL) Te manda, cara. Some daqui.

RAUL - (COM A CARA INOCENTE) Mas eu gosto do Leandro!

VERA - Qual é, Raul? Vai continuar? Então por que tu não foi embora logo em vez de ficar dando showzinho? Asqueroso, cínico, idiota! Uma coisa deprimente, eu achei deprimente! E o que tu ganhou com tanta grossura? Pra que fazer isso, tu pode me responder?

RAUL - (OLHA-A SINCERO) Eu só queria ficar sozinho contigo. (SORRI COMO SE DISSESSE: "E CONSEGUI". VERA, PARALISADA, OLHA-O, TOTALMENTE SURPRESA. ELE LHE OFERECE ALGUMAS NOZES) Quer? (ELA CONTINUA A OLHÁ-LO SEM AÇÃO).

#### CENA 30 - VENEZIANAS

quarto de Vera, interior, fim de tarde

Há um resto de luz natural vindo da janela, através da cortina. Raul e Vera estão de pé, abraçados, acariciando-se na semi-escuridão. Ele está envolvido, excitado; ela, mais séria, observa, numa espécie de distanciamento, embora também excitada.

Vera afasta-se dele séria, olhando-o. Vai de costas até a janela, fecha a veneziana e o vidro. Olha Raul como que dizendo: "Temos de tomar cuidado". Ele reage concordando.

Agora a claridade é ainda menor, feita de tiras de luz que entram pela fresta da veneziana. Raul começa a despir Vera muito delicado, carinhoso, as mãos e os gestos cuidadosos de quem está manuseando algo muito quebradiço e que, nele, ficam muito estranhos.

Vera fica mais excitada, mas olha-o com estranheza: nunca poderia esperar tanta delicadeza de Raul.

#### CENA 31 - AULA DE MATEMÁTICA

sala de aula, interior, dia

Nélson, professor de matemática, está ensinando geometria.

Antônio está no quadro, resolvendo o problema. Está errando e precisa "cozinhar" o resultado, digamos o desenho de uma elipse a partir de uma fórmula algébrica.

NÉLSON - Estão um pouco confusas as tuas linhas, não é, seu Antônio? (A TURMA RI BAIXINHO, ALGUNS COMENTAM) Essa sua elipse vai se parecer mais com uma parábola. (A TURMA RI MAIS ALTO. O PROFESSOR, CONFIANTE NO SUCESSO QUE ESTÁ FAZENDO, VOLTA-SE PARA ELA) A gente tem que tomar cuidado com quem chama ao quadro, senão o resto ainda desaprende tudo. (ANTÔNIO, VISIVELMENTE PERTURBADO DESDE O INÍCIO, LARGA O GIZ E VAI SENTAR. NÉLSON FICA RINDO, VAI ATÉ O QUADRO E APAGA)

#### CENA 32 - AULA DE RELIGIÃO

sala de aula, interior, dia

Aula de religião numa sexta série. O professor está visivelmente surpreso: jovem, tem no rosto indignado uma barba de seminarista. Após um momento de silêncio, em que procura as palavras, fala

enfático.

PROFESSOR - Mas é claro que Deus existe!

Vê-se então um garotinho, espremido em sua cadeira, com todos os colegas virados para ele e olhando-o como se tivesse dito uma heresia.

CENA 33 - AULA DO SOE  
sala de aula, interior, dia

Vera está conversando com os alunos.

VERA - Qualquer problema a gente deve sempre resolver com as pessoas envolvidas. Assim, ó: se o Henrique (UM ALUNO) vem me dizer que a Laurinha (OUTRA ALUNA, MAS SENTADA MAIS AO FUNDO) falou mal de mim, em vez de ficar brigada com a Laurinha e nunca mais falar com ela, é muito melhor procurar a Laurinha e perguntar o que foi que ela disse. Assim, ela tem o direito de se defender. E se ela disse mesmo, ela pode explicar. Porque o Henrique pode ter espalhado isso tudo só de inveja da Laurinha, né? (OS ALUNOS BRINCAM COM HENRIQUE, SOB OS PROTESTOS DELE, QUE TAMBÉM LEVA TUDO NA BRINCADEIRA).

Durante a explicação de Vera, um aluno, escondido atrás de outro bem maior, treina tiro a gol de botão: tem uma pequena goleira, uma bolinha, goleiro, botão, ficha... Às vezes levanta os olhos para Vera, como se prestasse atenção ou mesmo concordando, com um leve movimento de cabeça, com alguma coisa que Vera diz e que ele, certamente, não sabe do que se trata.

CENA 34 - CAFÉ COLONIAL  
café, interior, dia

Raul e Vera estão terminando de tomar café colonial. O ambiente, as comidas, a decoração e a pouca luz ajudam a criar um clima romântico.

RAUL - (OLHANDO PARA A MÃO DE VERA, QUE ESTÁ ENTRE AS SUAS) Eu gosto daqui. Aqui é bom. Podia ser assim sempre, né? (FICA SÉRIO, INTROSPECTIVO. VERA OLHA-O, INTERROGATIVA. ELE RESPONDE A SEU OLHAR) É, agora tá bom. Nos fins de semana. De noite. Agora, por exemplo. Faz tempo que não é tão bom.

VERA - Com a gente?

RAUL - (NÃO ENCONTRA AS PALAVRAS; QUER FALAR, FAZ GESTOS, ACABA SEM SABER O QUE DIZER) Não sei.

VERA - Ah, Raul! (ENCOSTA A CABEÇA NO OMBRO DELE) É que hoje juntou um monte de coisas, tudo cooperando pra gente se sentir

bem.

RAUL - Eu gosto assim: a gente quase sem tocar o chão. É isso, eu pareço que não encosto no chão, aí fico assim, meio feliz... eu acho. E isso fazia tempo.

VERA - (RI) Se fosse bom sempre, enchia o saco.

RAUL - (PENSA ALGUM TEMPO, OLHANDO A MÃO DE VERA) Chato é ser bom só de vez em quando. (FICA SÉRIO. VERA OLHA-O, ATENTA. ELE SUSPIRA) Vamos embora?

CENA 35 - NOVA PETRÓPOLIS  
cidade, exterior, dia

Os dois caminham por Nova Petrópolis. Faz frio e o entardecer está bonito. Aos poucos o dia escurece. As casas, as flores, as sacadas e janelas com cortinas brancas, o clima frio e o ar limpo da serra aproximam Raul e Vera, que andam meio encolhidos um no outro. Mas algo começa a acontecer e clima romântico vai sendo substituído por uma tensão inexplicável. Já caminham mais depressa, os rostos estão preocupados, Raul muito tenso. Embora os corpos continuem encostados, nota-se que o contato inexistente.

RAUL - (SEM OLHAR) Que foi?

Vera não responde logo. Olha-o surpresa, era a pergunta que queria fazer.

VERA - Não sei.

Continuam a caminhar olhando para o chão, preocupados nem eles sabem com o quê.

CENA 36 - VIADUTO  
viaduto, exterior, dia

Raul larga-se dela e caminha decidido até o viaduto sobre a BR-116. Anda um pedaço e olha para baixo. Muito compenetrado. Vera vem andando atrás, mas não sobe até o viaduto; fica parada, olhando Raul, curiosa.

VERA - Raul, vem cá!

Raul, num gesto brusco, põe as mãos sobre a murada e salta. Vera assusta-se um pouco, mas não esboça reação maior. Mas ele não saltou para baixo, apenas subiu na amurada, onde está se equilibrando. Olha para Vera, vago, sem ver. Vera, intrigada com aquilo, começa a irritar-se com o que entende ser exibicionismo. Raul aos poucos encontra equilíbrio e começa a mover-se numa espécie de dança, os braços abertos, o rosto tenso e divertido.

Vera, ficando mais contrariada e nervosa, resolve chamá-lo, sem sair de seu lugar.

VERA - Raul! (PAUSA) Raul! Raul, desce! (PAUSA LONGA. VERA TEM UMA MUDANÇA: ACHA TALVEZ QUE RAUL TENHA UMA RAZÃO PRA ESTAR ALI E, ALÉM DISSO, ESTÁ COMEÇANDO A TER CERTO RECEIO. FALA BAIXO, QUASE SÓ PARA SÍ MESMA) Raul, vem, vamos embora.

Raul, sem nem sequer notar a presença de Vera, cantarola numa voz muito baixa, meio gutural, alguma música conhecida e, no meio da canção, falando para Vera que vai embora, sem, naturalmente, que seja possível que ela escute. Enfim salta da amurada e vem para junto de Vera, sério mas neutro. Pára na frente dela, que faz questão de não olhá-lo.

RAUL - Vem. Tá ficando escuro.

Vera olha-o, o rosto inquisidor, como se perguntasse "Por quê?", mas ele faz que não entende.

RAUL - Vem.

CENA 37 - GRUPO LITERÁRIO  
casa de Leandro, interior, dia

Leandro está reunido com o grupo literário. São sete alunos do último ano, um casal - Paulinho e Lúcia - e cinco "solteiros", sentados pela sala de Leandro, em cadeiras e poltronas ou no chão. Dois têm cadernos abertos, mas sem grande preocupação de tomar notas, outros só ouvem. Paulinho e Lúcia estão nitidamente mais preocupados um com o outro do que com as explicações. Quando a cena começa, Leandro está mesmo esclarecendo um assunto.

LEANDRO - Não, Antônio Callado é difícil, não cai. Cai mais é realismo, romantismo e os parnasianos.

CESAR - Ah, eu gostei tanto do Quarup!

CERES - Tu também? Eu adorei! Achei tão... emocionante e tão... sei lá, eu não sabia nada de índio e não tinha mais vontade de parar de ler.

VITOR - Eu gostei porque não passa o livro todo falando de história de amor. Acho um saco, pra quê que tudo que é livro fala disso, romance, essas coisas?

PAULINHO - (INTERESSANDO-SE DE REPENTE) É pra poder falar de sexo!

VITOR - Ah, essa não. Noventa por cento dos livros que a gente lê fala de história de amor, romance, mesmo quando não fala de sexo. Até livro de ficção científica, esses filmes que passam na TV...

PAULINHO - (QUE JÁ ESTAVA DE NOVO OCUPADO COM LÚCIA, VOLTA À CONVERSA) Só vê novela!

CERES - Eu acho que noventa por cento fala disso porque noventa por cento das pessoas têm história assim na vida delas, isso acontece na vida de todo mundo. E aí todo mundo acha isso importante...

CESAR - Tipo os pombinhos aí...

PAULINHO - (SEM SE VIRAR) Não enche o saco, César.

VITOR - Só que o Leandro não tem romance nenhum. (LEANDRO ENCABULA, FICA VERMELHO, NINGUÉM SABE SE VITOR ESTÁ BRINCANDO, OU SE É MESMO UMA IRONIA.)

LEANDRO - Nós estamos falando de literatura. Vida real tem geralmente uma cor diferente.

VITOR - (FINGINDO - OU NÃO - INTERESSE HONESTO) Mas falando sério, nunca pintou nada disso pra ti, de romance, alguém que tu te amarrasse, nada?

CERES - Tu acha que ele não tá apaixonado porque tu é cego.

LEANDRO - Vamos mudar de assunto?

CESAR - (FALANDO EM CIMA DE LEANDRO E, NA VERDADE, APENAS QUERENDO FAZER UMA PIADA) Só se for a dona Vera do SOE.

Esta frase constrange Leandro, enquanto Ceres censura César com os olhos. Paulinho e Lúcia olham para Leandro, sorrindo um pouco. Leandro, refazendo-se, ri curto, nervoso.

LEANDRO - Vocês têm muita minhoca na cabeça. Vamos voltar ao Antônio Callado... Pois é, Antônio Callado não cai no vestibular.

Os alunos olham-se de soslaio, sorrisos cínicos nas bocas fechadas.

CENA 38 - MATEMÁTICA E VERA  
sala dos professores, interior, dia

Vera fala com Néelson.

NÉLSON - (CHEGA, TERMINANDO UM CAFEZINHO) Queria falar comigo?

VERA - Bem rapidinho. (NÉLSON PRESTA ATENÇÃO SEM OLHÁ-LA) É sobre o Antônio, da 1a B... É que ele veio se queixar de novo... Ele tem dificuldades, né?

NÉLSON - Quase rodado. Não tem condições de passar.

- VERA - (APESAR DO TOM POLIDO, ESTÁ FIRMEMENTE CONTRA AS OPINIÕES DE NÉLSON E PROCURA, DELICADAMENTE, FAZÊ-LO VER ISSO) Pois é, sabe, ele acha que tem. É uma atitude positiva dele, né? A outra vez que nós conversamos... tu chegaste a conversar com ele depois?

NÉLSON - Eu tentei resolver o problema. Mas o guri é um malandro, preguiçoso.

VERA - Ele, desde o início, não queria que eu falasse contigo, sabe? Mas eu acho que aí não resolve nada, né? Ele se queixa de uma certa impaciência tua... E, se ele já tem dificuldades, um problema de relacionamento com o professor só piora as coisas, né?

NÉLSON - Mas da onde ele tirou isso? O nosso relacionamento é o que ele colhe com a preguiça dele. E não é tão ruim assim.

VERA - (SEM TOMAR CONHECIMENTO) Sabe como é, nessa idade qualquer coisa deixa eles muito melindrados... E nós também temos nossos problemas, né... Às vezes falamos alguma coisa que não devia ser dita...

NÉLSON - (AFASTANDO-SE) Pode deixar que eu resolvo. O guri tá conseguindo engambelar todo mundo, mas a mim não. É um malandro. Mas tu não vai ter mais queixa dele. E depois, tá rodado mesmo!

CENA 39 - FOTOGRAFIA DAS TURMAS  
cancha, exterior, dia

Todos os alunos estão no pátio de esportes, divididos em grupos, por série, cada uma acompanhada por seu professor conselheiro. Dois grupos já estão na arquibancada, um deles de frente pro fotógrafo e outro aguardando a vez. O "fotógrafo" é Raul que, como no futebol, age "a rigor". Tem uma sacola a tira colo, usa óculos escuros erguidos para o alto, tênis, calça Lee e camisa parda, de mangas arregaçadas. Sua máquina é simples, com apenas uma lente, mas tem tripé.

Raul fotografa a turma e, enquanto aguarda a próxima se ajeitar, o diretor se aproxima.

DIRETOR - Isso não pode andar mais depressa?

RAUL - Uma boa fotografia sempre demora. Além disso, essa máquina que o senhor me arranjou não é lá essas coisas. (O DIRETOR NÃO GOSTA DA RECLAMAÇÃO) E o tripé tá frouxo.

O diretor afasta-se, contrafeito. Num dos grupos que aguardam há uma briga entre alunos, logo resolvida por dois professores. O diretor não faz nada além de olhar. Afinal toda a situação lembra um circo enorme.

O próximo grupo a ser fotografado é o de Vera. Raul leva horas fazendo o foco, o diretor impaciente, os alunos alvoraçados. Dois professores, que mais ou menos fiscalizam a ordem, estão contrariados.

ARTUR - A idéia dessas fotos foi do Sartori?

PROFESSOR - (COM CARA DE "DEVE TER SIDO") Pra liberar todo mundo ao mesmo tempo... (RI. FALA UM POUCO BAIXO, DE LADO) É muita incompetência!

ARTUR - (CONCORDANDO) E pra mim esse sujeito podia fotografar mais depressa. (OLHA PRO PROFESSOR) É verdade que ele é meio parente do Sartori?

PROFESSOR - Me disseram que sim. Alguma coisa deve ser, não?

ARTUR - Parente ou não, acho que ele tá se passando um pouquinho... E ainda arma essa bagunça na escola!

PROFESSOR - Pior é que eu tenho prova na primeira B no próximo período e, pelo jeito, nem vamos ter o próximo período.

ARTUR - Eu teria prova agora, no terceiro. Eles acham que se safaram, mas vão ver só.

O grupo de Vera já está sobre a arquibancada. Raul vai até lá, olha pensativo o grupo, muda dois alunos de lugar sem que se note mudança alguma no conjunto. Volta à máquina, olha, volta ao grupo. Dirige-se a Vera.

RAUL - A senhora vai ter que tirar esse lenço. Chama muito a atenção.

Vera, naturalmente, fica muito desconcertada. Nota a provocação, mas também não sabe o que fazer. Encabulada, tira o lenço da cabeça.

VERA - Então aguarda um momento que eu tenho que me pentear.

Sai do grupo, que relaxa. Raul olha o diretor como que dizendo que a culpa não era sua. Dois professores se olham. Os outros alunos assoviam enquanto Vera se penteia.

Raul tira a foto, finalmente. O grupo de Vera sai em louca correria da arquibancada, sob os gritos de "devagar" de todos os professores próximos. O outro grupo que aguardava na arquibancada vai para o lugar do que saiu. Um dos que aguardavam na cancha sobe. Todos na cancha se movem.

CENA 40 - PRECIPÍCIO  
precipício, exterior, tarde

Vera e Raul abraçam-se apaixonadamente, murmuram carinhos, afagos. Estão deitados sobre colchonetes, envoltos em cobertores. Estão à beira de um precipício. Lá embaixo um vale coberto de verde, mais ao longe outros morros e outros vales. A luz do fim do dia dá-lhes uma coloração amarelada, quente. É evidente a paixão que estão sentindo. O local é deserto e sentem-se absolutamente seguros.

CENA 41 - PAPO DO PRECIPÍCIO  
precipício, exterior, tarde

Raul e Vera estão deitados à beira do precipício. Há colchonetes e cobertores sobre o chão. Raul está deitado de costas, as mãos sobre a cabeça. Vera, de barriga, e com o corpo meio erguido. Brinca com os cabelos de Raul que começa a rir.

VERA - Que foi? (RAUL RI MAIS UM POUCO) Que foi, Raul?

RAUL - (RINDO) Eu tava pensando na possibilidade do Sartori aparecer aqui.

VERA - Ih, Raul, isola! Vira essa boca pra lá!

RAUL - Ele chega com a mulher e um casal de amigos: (REPRESENTA) "Olha que beleza! Aquele morro ali chama assim; aquela igrejinha lá embaixo é assado; aquela mulher trepando ali é professora na minha escola..."

VERA - (RINDO, MUITO DIVERTIDA, TAMBÉM REPRESENTANDO) "Vestida ela não parece tão gorda..."

Riem, abraçam-se. O riso vai passando. Vera olha-o apaixonada.

VERA - Tu tem um cheiro bom, Raul.

RAUL - Deve ser de laranja.

VERA - Laranja?

RAUL - É. Ah, que frio. Esse negócio de vir pro mato neste frio é loucura, né?

VERA - (VIRA-SE. DEITA DE COSTAS, OLHANDO PRO CÉU) No verão eu quero passar um mês contigo. (OLHA-O) Professor tem mais férias que todo mundo. (OLHA PRA CIMA DE NOVO) Vamos pegar toda a grana que der, no fim do ano, e vamos passar um mês viajando. Vai ser ótimo! Que tu acha, Raul?

Raul não parece tão animado como Vera. Está mais sério.

RAUL - Pode ser.

VERA - Ué! tu não tá afim de passar as férias comigo?

RAUL - Quem tem três meses de férias é tu.

VERA - Ah, e tu não! Tu pensa em conseguir um emprego até lá?

RAUL - Não enche o saco.

Vera vai responder mas pára no gesto e fica olhando Raul, séria. Não entende aquela brusca mudança de atitude. Sua primeira idéia é tentar retornar ao bom nível que havia há minutos atrás. O olhar de Vera mostra certa dúvida, mas passa a carinhoso e encosta o rosto nele.

VERA - É bom estar aqui contigo.

Raul permanece em silêncio. Seus olhos estão agora mais nervosos, sem fixarem-se em algo em especial, ficam pulando pelo céu. Mas nunca olham para Vera.

VERA - Teu corpo é quente. (PAUSA) Eu gosto de ti, Raul, gosto muito. (APERTA-O) Não é uma loucura?

RAUL - Não, é original. Eu nunca tinha ouvido uma coisa tão criativa.

Vera levanta a cabeça para olhá-lo. Quase não pode acreditar no que ouviu, está atrapalhada e ferida, magoada. Fica olhando Raul, pensando no que vai dizer, mas não sai nada.

RAUL - Este nevoeiro começa a descer agora e fecha tudo até de noite?

VERA - (MAGOADA, AINDA, RESOLVE INSISTIR. FALA COM O ROSTO TENSO, MEIO DESAFIADORA, SÉRIA) Eu acho que tô apaixonada.

RAUL - E eu acho que vou embora.

VERA - (OLHA RAUL. NENHUM DOS DOIS SE MOVE) Por quê?

RAUL - (COM UM GESTO DE NÃO SABER POR QUÊ) É muito úmido para minha sinusite. (FUNGA COM FORÇA, COM O RUÍDO DE QUEM ESTÁ COM A NARINA LIMPA)

VERA - Eu quero ficar, Raul. Se eu for para casa, vou ter que trabalhar. Aqui, eu esqueço. (PUXA-O PARA BAIXO. ELE TIRA O CORPO FORA IRRITADO)

RAUL - (RÍSPIDO) Tá, me deixa, não tô afim! (VERA PÁRA, OLHANDO-O SURPRESA, TENTANDO COMPREENDER) Não tô afim. Tá frio, tá úmido, teu papo tá bobo! Não tinha lugar pior?

VERA - (MAGOADA) Mas... por que isso agora? Pô, Raul, faz dez

minutos tava tudo bom!

RAUL - (LEVANTA E COMEÇA A VESTIR-SE FRENETICAMENTE) Bom pra ti. Precisa de "ambiente". Pra minha bolinha isto ai não chegou a razoável. (REFERE-SE A PAISAGEM, É CLARO) Ficar se escondendo na escola, vir pro meio do mato. Nesse frio, chão duro, e tu ainda... (INTERROMPE-SE)

VERA - (DEVAGAR) Eu?... Que tem "eu ainda..."?

RAUL - Ainda gosta.

VERA - Tudo bem, tu não precisa gostar do lugar. Mas a gente ficar junto não compensa?

RAUL - (ACABA DE VESTIR-SE. OLHA VERA, DÁ UMA OLHADA AO REDOR) Acho que vou pedir a grana do ingresso de volta.

CENA 42 - VERA GUARDANDO AS COISAS  
precipício, exterior, dia

Raul sai caminhando muito alterado pelo mato. Vera começa a enrolar os cobertores e os colchonetes. Raul passa pelo carro estacionado meio escondido na estrada e desce o morro. Vera guarda as coisas no carro, cada vez mais irritada.

CENA 43 - CACHORRO  
estrada do precipício, exterior, tarde

Raul passa pela casa de um colono, onde há um cachorro preso por uma corrente. O bicho late para Raul, que não está ligando muito. O cachorro continua a latir. De repente, Raul se vira para ele e dá um grito, o que atíça ainda mais o animal. Raul rosna e grita curto mais uma vez e segue andando. O casal de colonos, assustado, espia pela janela. Vera vem descendo de carro e passa por ele. Raul olha-a por um breve momento e baixa os olhos. O carro de Vera se afasta.

CENA 44 - ROUBO DO CARRO  
casa de Vera, interior, noite

Raul chega com a roupa que usava na cena anterior. Vera está sentada à mesa, muitos papéis, trabalhando. Raul vai até a cozinha e bebe água. Volta à sala e encosta-se, displicente, à parede.

RAUL - Tá duro de pegar carona. Fico com pena desses guris.

VERA - (OLHA-O SÉRIA) Agora eu tô trabalhando.

RAUL - Eu imaginei.

VERA - (PAUSA) Pois é.

Raul pega as chaves do carro, que estão sobre uma mesinha, e sai.

VERA - Ei, pera aí, aonde tu vai?

Ouve-se a Porta do carro abrir e o motor ser ligado. Vera chega à porta aberta, o carro está passando à sua frente. Ela vai gritar, mas lembra-se que pode ser ouvida. Olha ao redor, o carro passou. Vera, muito irritada, diz um palavrão sem emitir voz: "filho da puta!"

CENA 45 - RECREIO

pátio da escola, exterior, manhã

Toca a campainha. Os alunos, em recreio, estão dispersos pelo pátio. Alguns estudam, conversam, riem. Pelos cantos, há casais namorando. Aos poucos, vão-se movimentando em direção às salas de aula.

CENA 46 - BEIJO

corredor da escola, interior, manha

Os alunos se deslocam pelos corredores. Vêm em pequenos grupos, ou isolados. Os menores correm e brincam. Um professor passa em sentido contrário ao fluxo.

PROFESSOR - Vamos lá, pessoal, não quero ver ninguém no corredor depois do sinal...!

Os alunos se apressam. Um casal se aproxima devagar e para na frente da escala. A sala dele é no andar superior; a dela, no térreo. Beijam-se. Estão se separando quando o professor surge por trás, furioso.

PROFESSOR - (BERRA) Paulo! Lúcia! (OS DOIS VOLTAM-SE ASSUSTADOS) Vocês não sabem que é proibido? Já é a terceira vez que vocês são avisados! A gente fecha um olho, fecha outro... mas assim também é demais!

LÚCIA - Mas o que foi, professor?

PROFESSOR - Que foi?! Que adianta ter regulamento, se ninguém liga?! Então, nós podemos simplesmente abolir.

PAULINHO - Mas quem falou em regulamento, professor...

PROFESSOR - Eu falei. (AOS BERROS) Vocês ficam por aí dando espetáculo!

PAULINHO - (FALA MEIO DEVAGAR, MUITO TENSO, MAS OBRIGANDO-SE A SE DEFENDER) Quem tá dando espetáculo é o senhor. (O DIRETOR CHEGA, SEGUIDO POR VERA)

PROFESSOR - (QUE NÃO VIU O DIRETOR APROXIMAR-SE) Te atreve! Fedelho! Ainda tá molhado atrás da orelha, pivete!

DIRETOR - Quê que está havendo?

PAULINHO - (TOMANDO A DIANTEIRA) Ele pegou a gente se beijando e agora tá aí gritando e me ofendendo.

PROFESSOR - Não senhor! Não senhor! Tu é que me ofendeste! (FALA INDIGNADÍSSIMO PARA O DIRETOR) Se beijando no corredor!

DIRETOR - É a terceira vez, não é, Paulo? (PAULO CONFIRMA) Não é, Lúcia?

VERA - Mas o que foi, vocês estavam se despedindo?

LÚCIA - É, professora, foi só um beijinho!

PROFESSOR - Beijinho! Um agarramento!

DIRETOR - Vamos para a minha sala. O senhor vem junto. (VÃO OS QUATRO. VERA FICA OLHANDO UM TEMPO, VISIVELMENTE TRANSTORNADA COM O ACONTECIDO.)

CENA 47 - BUZINA

casa de Vera, interior e exterior, noite

Vera está em casa quando ouve uma buzina. Presta atenção, mas não se mexe. A buzina toca de novo. Ela vai até a porta.

Raul está lá fora, no carro, fazendo sinal para que ela chegue mais perto. Vera, também por sinais, pede que ele não faça tanto barulho, para não chamar atenção.

CENA 48 - FOTO DE VERA

quarto de Raul, interior, noite

Raul está preparando a câmara fotográfica sobre o tripé. Vera está sentada no que é claramente uma pose para fotografia. Desarma a posição e puxa Raul, pela cintura, para a cama.

VERA - Vem cá mais um pouco.

RAUL - Chega de papo de aluno suspenso. (VERA NÃO O SOLTA) Pô, deixa eu preparar a máquina.

Solta-se. Vera aproveita para tirar a carteira dele do bolso e

derramar todos os papéis sobre a cama.

VERA - (RINDO) Ih, de quando é isso? Olha só que cara!

RAUL - (VOLTA COM EXPRESSÃO DE INFINITA PACIÊNCIA SE ESGOTANDO) Ai, ai, ai. Mas tu não vai parar quieta? (JUNTA DE QUALQUER MANEIRA OS PAPÉIS) Só um pouquinho pra eu acertar o foco, tá? (ELA RETOMA A POSE. ELE VAI PRA TRÁS DA CÂMARA, ACERTA O NÍVEL E O FOCO) Abre bem o olho. (FAZ O FOCO NO OLHO. ELA ACHA ESTRANHO, MAS NÃO DIZ NADA. COMEÇA A MEXER NA SACOLA QUE RAUL GUARDA SOBRE UMA CADEIRA) Pô, fica na posição! Olha que eu vou bater de qualquer jeito, hein? (VERA ACHA O REVÓLVER NO MEIO DAS ROUPAS DELE. LEVA UM SUSTO E VOLTA-SE BRUSCAMENTE PARA RAUL, COM A ARMA DESAJEITADAMENTE NA MÃO. O FLASH DISPARA, REGISTRANDO O QUADRO.)

CENA 49 - TENSÃO ENTRE OS ALUNOS  
corredores, interior, dia

Alunos parados nos corredores, sérios. Um ou outro passa rápido. Grupos tensos, olhando para os lados, tentando decidir o que fazer. Outro grupo passa e os que estão no corredor vão atrás, saindo do prédio. Júlio, Márcia e Luís vêm pelo corredor e param, tensos, à porta de Vera. Olham-se e Luis bate à porta.

CENA 50 - TENSÃO DOS ALUNOS COM VERA  
gabinete de Vera, interior, dia

VERA - (LARGANDO UM ARQUIVO SOBRE A MESA) Acho que essa semana vai acontecer tudo. Vocês têm certeza que ele não deu essa matéria?

JÚLIO - Claro que não deu, professora. Chegou lá e fez a prova mais ralada do mundo!

VERA - E vocês já tentaram falar com ele de cabeça fria?

JÚLIO - Ele não quer nem papo! É um abostado...

VERA - Júlio.

JÚLIO Tá, tudo bem.

LUIS - A gente vai ficar no pátio até ele anular a prova.

VERA - (PENSANDO) Vocês sabem que tem mais gente revoltada no pátio, né? (ELES ASSENTEM) Vou ver o que posso fazer. Mas só me prometam uma coisa: sem baderna, tá? Nada quebrado, ninguém machucado, sem correria. (OS ALUNOS SAEM CONCORDANDO)

CENA 51 - ALUNOS NO PÁTIO  
pátio da escola, exterior, dia

Vera vai até a janela. Há muitos alunos sentados pelo chão. Alguns conversam em pequenos grupos.

CENA 52 - DIRETOR CONVOCA REUNIÃO  
gabinete de Vera, interior, dia

O diretor abre a porta.

DIRETOR - (SECO, IRRITADO) Reunião na sala dos professores. Agora.

VERA - (ENQUANTO O DIRETOR FECHA A PORTA) Já vou.

CENA 53 - PROBLEMAS  
gabinete de Vera, interior, dia

Vera arruma rapidamente sua mesa, pega um arquivo. Vai até a janela e fecha a cortina com um gesto. Entra Raul.

RAUL - (SORRIDENTE) Ué, que festa é aquela no pátio? Liberaram todo mundo?

VERA - Problemas. Suspenderam os alunos do beijo. As turmas estão revoltadas. E uma outra tá protestando contra uma prova. E o resto tá aproveitando pra matar aula. (RAUL ABRAÇA-A)

RAUL - Tudo isso?

VERA - (TENTANDO SE SOLTAR) É, e eu tenho uma reunião agora. Me solta.

RAUL - Ah, eu queria conversar.

VERA - Tá na cara que hoje não dá. Me solta!

RAUL - (INSISTINDO) Eu quero te convidar pra jantar.

VERA - (PARA E OLHA-O NOS OLHOS, MUITO SÉRIA) Eu tenho problemas, Raul.

RAUL - E eu, Vera?

VERA - (SOLTA-SE) Pra ti, tudo é festa. Não sei o que tu faz pra te sustentar. Boa coisa não deve ser.

RAUL - Boa coisa é suspender aluno?

VERA - (JÁ NA PORTA) Eu não suspendi ninguém.

RAUL - (SORRINDO) Nem fez nada contra. Dá no mesmo. (VERA SAI IRRITADA. RAUL GRITA PARA ELA) Eu vivo de rendas, viu? Herança.

(PARA SI MESMO) Assim não preciso estragar a vida de ninguém.

CENA 54 - AUTOCRÍTICA

sala dos professores, interior, dia

Estão reunidos quase todos os professores.

ARTUR - Independente de se a prova foi justa ou não - estou inclinado a reconhecer meu lapso -, a atitude dos alunos está sendo belicosa. Me recuso a aceitar essa forma de pressão. E temos uma responsabilidade pedagógica de deixar claro que isso aí é bagunça, não leva a nada. Sou um pacifista, não dialogo sob pressão.

DIRETOR - O SOE, o que acha?

VERA - (PAUSA. ESTÁ MUITO CUIDADOSA) São dois casos. Um beijo e uma prova aplicada sobre uma matéria que não foi lecionada. (ARTUR REAGE) Eu sei, tu vais averiguar. Mas afinal todo mundo pode se enganar. (PAUSA LONGA, EM QUE REÚNE CORAGEM, RESPIRANDO PROFUNDAMENTE. EXPECTATIVA) Acho que estamos errados nos dois casos. (SURPRESA ENORME ENTRE OS PROFESSORES. LEANDRO OLHA-A, MEIO MARAVILHADO.)

CENA 55 - PAIS NA RECEPÇÃO

recepção, interior, dia

Um grupo de três mães e dois pais pede para falar com Sartori.

RECEPCIONISTA - Os senhores aguardem um pouco. Ele está em reunião. Vou ver se pode atendê-los.

CENA 56 - DECISÃO DOS PROFESSORES

sala dos professores, interior, dia

A recepcionista acabou de falar algo em segredo ao diretor. A reunião espera.

DIRETOR - Pede para eles aguardarem. (ELA SAI) Um grupo de pais está na portaria. Vários alunos já foram para casa. (PAUSA. FALA A VERA) A senhora está maluca.

VERA - Mas, professor Sartori, eles tentaram e não foram levados a sério. E agora estão tentando resolver sozinhos um problema. Isso é educação!

DIRETOR - A senhora viu que está sozinha nesse ponto de vista. (VERA OLHA PARA LEANDRO, QUE ESTÁ DE CABEÇA BAIXA) É uma decisão democrática. (LEVANTA) E não quero mais discutir este assunto.

Apenas aceito sugestões. (SAI)

CENA 57 - DISCURSO PARA VOLTAR ÀS AULAS  
pátio da escola, exterior, dia

O professor Néelson está falando com os alunos. Ninguém liga. Continuam sentados pelo chão, eventualmente desviando a atenção das suas conversas para Néelson.

NÉLSON - Vocês voltam para a aula, elegem representantes e vamos estudar os problemas. É uma proposta de diálogo. Mas em aula, isso aqui é uma escola! E logo, se não querem medidas mais enérgicas.

Ninguém se move. Ele afasta-se, furioso. Vera, que estava de longe assistindo à cena, sorri. De uma janela, Sartori olha, compenetrado.

CENA 58 - DECISÃO PELA FESTA  
gabinete do diretor, interior, dia

Estão Raul, o grupo de pais e o diretor.

DIRETOR - O que os senhores acham? (OS PAIS, COM CERTA RELUTÂNCIA, CONCORDAM) Acho que vai dar certo. Carta branca, Raul.

RAUL - (LEVANTA, SORRINDO, ORGULHOSO) Obrigado, professor.

CENA 59 - "OS ROMANOS"  
corredores, interior, dia

Vera está furiosa, andando pela corredor. Entra noutro. Encontra Raul vindo em sentido contrário.

VERA - (À QUEIMA-ROUPA) Que história é essa que o Sartori me contou?.

RAUL - (SORRI, CÍNICO) Que história? (VERA NÃO CONSEGUE FALAR DE INDIGNAÇÃO) Sei. A festa. Tu não disse que pra mim tudo é festa? Pois é. Os serviços especiais da escola não conseguem resolver. Aí eu vou fazer uma festa e acabar com os "problemas sérios" de vocês.

VERA - (SEGUINDO RAUL, QUE COMEÇOU A CAMINHAR) Resolver, não: tapear! Aquela gente lá quer justiça e tu vai organizar uma festa? Os romanos já faziam isso!

RAUL - Ave! A direção e os pais acharam ótimo.

VERA - Claro. (FICA PARADA ENQUANTO ELE SE AFASTA) É irresponsabilidade o que tu tá fazendo, Raul!

CENA 60 - RAUL E ALUNOS

patio da escola, exterior, dia

Os alunos continuam sentados, ou conversando em pequenos grupos. Raul está parado no mesmo lugar de onde Néelson falou com os alunos. Raul olha um tempo e caminha em direção do grupo mais próximo. Fala com uns, com outros, há manifestações individuais de repulsa e apoio.

Por fim volta, subindo a rampa, acompanhado de dez alunos, que serão seu grupo de trabalho.

CENA 61 - ORGANIZAÇÃO DA FESTA

patio da escola, exterior, dia

Raul senta na grama com os alunos.

RAUL - Seguinte: tá meio em cima esta festa pra hoje, então tem que ser tudo rápido. Precisamos: salgadinho, refrigerante, convidar todo mundo e arranjar um grupo de música formado por alunos.

ALUNO - Mas não tem nenhum aqui!

RAUL - Então a gente faz. E tem só a tarde pra ensaiar. E tem também a grande novidade, que vai fazer um monte de gente aparecer nessa festa: vai ter bebida. (OS ALUNOS SE ESPANTAM E FICAM CONTENTES) Cerveja, uísque, gim, vodka, o que precisar.

OUTRO ALUNO - O pai dele tem restaurante! (APONTA PARA UM DOS ALUNOS, QUE FICA MEIO SEM JEITO, MAS SEM CORAGEM DE NEGAR. OS OUTROS, EM GOZAÇÃO, AGEM COMO SE FOSSE A COISA MAIS NORMAL DO MUNDO.

RAUL - Então é lá que nós vamos arranjar. Ao trabalho!

Levantam todos, alguns animados, outros com um pouco de receio pelo empreendimento.

CENA 62 - ENSAIO

sala de aula, interior, dia

Ensaio do "conjunto". Há alguns instrumentos primários, muito mal executados, com nervosismo. Raul faz um sinal que está bom e sai da sala.

CENA 63 - DESAFIO DOS ALUNOS

pátio da escola, exterior, fim da tarde

Raul anda pelo pátio e passa por um grupo de alunos e alunas, entre os quais estão Márcia, Júlio e Luís. Um deles força um esbarrão com Raul, enquanto os outros se movem um pouco, abrindo a roda e quase incluindo Raul nela. O aluno do esbarrão olha sério, desafiador para Raul. Raul sorri largo, infantil, que no contexto fica muito cínico.

RAUL - Desculpe. Te machuquei?

Sorrindo, vai se afastando, a princípio devagar.

MÁRCIA - Palhaço!

Raul caminha cada vez mais ligeiro e afasta-se.

CENA 64 - CONVITE PRA FESTA  
casa de Vera, exterior, fim de tarde

Vera abre a porta, Raul está parado do lado.

RAUL - Oi.

VERA - Que tu quer?

RAUL - Te convidar pra fazer a decoração do salão. A gente precisa de alguém com bom gosto.

VERA - Não vou participar disto.

RAUL - Vera, nem tudo é trabalho. Tu anda precisando de um pouco de diversão, te distrair. Anda tão ranzinza...!

Vera entra em casa e fecha a porta sem responder. Raul sorri.

CENA 65 - A FESTA  
salão da escola, interior, noite

A festa não é o sucesso que se esperava. Há mais pais e professores que alunos. Mesmo assim, o número é razoável. Ouve-se ao fundo o fim da música que os alunos estavam ensaiando na cena 62. O grupo é aplaudido com consideração.

Raul circula entre os presentes de paletó lamê e fumando cigarros com piteira. Sobe ao palco e pega o microfone. Dá uma tossidinha para o lado.

RAUL - Essa festa tem o objetivo de ser um gesto de aproximação, depois de uns dias meio agitados. Eu não sou bom em falar: é isso. Vamos dar as mãos! (ERGUE OS BRAÇOS E SAI, APLAUDIDO COM COMEDIMENTO)

Raul desce e anda pelo salão como se fosse dono de um cassino. Num grupo de meninas, onde está Marília, ele pára e fala um pouco. Elas acham muita graça. O diretor olha sério. Durante o tempo todo, Raul olha muito para a porta, esperando que Vera venha.

CENA 66 - BARRADOS NO BAILE  
casa de Vera, interior, noite

Leandro está terminando seu chá. Olha Vera apaixonado. Vera está guardando a louça da refeição que acabaram de fazer. Às vezes dá a impressão que Leandro vai falar ou que vai tocá-la, mas se contém. Vera, absorta com seus problemas, não nota..

VERA - (SENTA, TOMA O CHÁ, AMBOS SÉRIOS) Quero ver dormir com essa barulheira.

LEANDRO - (SORRI) Acho estas festas tão sem graça!

VERA - (OLHA-O, MAS NÃO OUVIU O QUE ELE DISE) Esta festa é um absurdo.

CENA 67 - RAUL E MARÍLIA NOS CORREDORES  
corredores da escola, interior, noite

A festa terminou. Raul, meio bêbado, anda pelos corredores escuros. Num canto encontra Marília, moça bonita do terceiro ano. Ele pára na frente dela, olhando-a. Ela aproxima-se devagar, abraçam-se, beijam-se.

RAUL - Vamos entrar?

Marília levanta a cabeça que estava no pescoço dele, olhando-o com estranheza.

RAUL - (SORRINDO E DESVENCILHANDO-SE DELA) Por que tu acha que eu marquei aqui? (MOSTRA UMA CHAVE) A chave de tudo.

CENA 68 - RAUL E MARÍLIA NA SALA  
sala de aula, interior, noite

Raul abre a porta da sala de aula. Entram. Enquanto ele chaveia a porta, ela vira-se para ele, vai falar, mas ele põe a mão sobre a boca dela.

RAUL - No meu quarto é muito perigoso. A sala não tem venezianas e uma pálida luz entra de fora. Os dois começam as carícias e a tirar a roupa. Raul bebe de uma garrafa que trouxe na mão. Dá a Marília, que também bebe. Mais carícias.

CENA 69 - RAUL BÊBADO  
casa de Vera, interior, noite

Vera esta sentada na cama, Raul parado a sua frente, bêbado. Vera não estava dormindo, mas seus olhos ainda estão meio fechados.

VERA - Raul, será possível? Sedução de menores? (HÁ UM TOM DE SARCASMO EM SUA VOZ)

RAUL - Ela não era menor.

VERA - (LEVANTA AGITADA) Acho que tu não tá regulando. Tu imagina o rolo que isso pode dar? (PROCURA AS PALAVRAS; ESTÁ ESTUPEFACTA) E ainda por cima é covardia.

RAUL - Ah, essas gurias têm uma corrida que tu nem imagina!

VERA - (FALA EM CIMA DA FRASE DELE) Quem foi? Quem? Patrícia? A Rita? A Marília? Heleninha? (AO OUVIR O NOME DE MARÍLIA ELE FAZ sinal)

RAUL - (ESTOURANDO) Esta, foi esta! Uma trepada do caralho! (DEITA NA CAMA)

VERA - Marília?... Talvez ela não fique espalhando a façanha! (OLHA RAUL DEITADO DE COSTAS PARA ELA) Por quê? (TEM UMA IDÉIA) Se foi pra me agredir, esquece.

CENA 70 - ENTREGA DE PROVAS  
sala de aula, interior, dia

Artur está com um maço de papéis na mão. Atenção na sala, onde faltam alguns alunos.

ARTUR - O resultado das provas é horrível, não tem um sequer satisfatório. Por isso resolvi anular a prova. (PAUSA. OLHA AO REDOR) Mas só para quem estiver presente. Os que resolveram continuar no pátio, em vez de falta, receberão a nota.

CENA 71 - SAÍDA PARA O CONVESCOTE  
casa de Vera, exterior, dia

Vera está bastante abatida. Está saindo de casa com Leandro, que carrega uma caixa de papelão com um pano de prato por cima. Vera abre a porta do carro e, enquanto Leandro põe a caixa no banco de trás, chega Raul.

RAUL - Algum convescote?

VERA - Vamos tomar chá longe deste ambiente imundo.

RAUL - Claro. Eu conheço um precipício que é muito bonito. Posso levar vocês ate lá.

VERA - (ENTRANDO NO CARRO) Vai à merda!

CENA 72 - A BUSCA  
quarto de Raul, interior, dia

O diretor está no quarto de Raul mexendo nas coisas. Não sabe ao certo o que procura e age com certa displicência, como se não temesse a chegada repentina de Raul. Vê a arma, mexe na sacola, cuida para deixar tudo como estava. Sai.

CENA 73 - VIGIA  
patio da escola, exterior, dia

O diretor sai do quarto e segue pela calçada, pensativo. Do alto da elevação que há atrás da escola, Raul observa.

CENA 74 - CONVESCOTE  
morro Korb, exterior, tarde

Vera e Leandro estão à beira do lago. Esquentaram água no pequeno fogareiro a gás e tomam chá.

VERA - Enquanto a gente acha que pode dar uma ajuda, apesar da podridão... Sabe, ser um dos poucos legais? (BEBE) Mas agora eu sei que tô do outro lado. Na prática... Eu sou minha inimiga. (LEANDRO OLHA-A MUITO SÉRIO, FASCINADO POR AQUELA MULHER) É um bando de crianças! Eles têm problemas que não conseguem nem expressar! E tudo, nas escolas, é feito a nosso favor. Regras, regulamentos, porra! (SUSPIRA) A gente tá formando idiotas e recalçados!

LEANDRO - Eu sou professor de literatura. Qualquer outro problema eu passo adiante. (SORRI) Pode não ser muito, mas acho que eu não quero assumir a responsabilidade...

VERA - Sei que tô ajudando a transformar gente em rebanho.  
LEANDRO - É que... orientação é mais difícil, não é? (PEGA NA MÃO DELA. ELA OLHA A MÃO, SORRI AMIGA, BEIJA A MÃO DELE E SOLTA-SE PARA SERVIR CHÁ)

CENA 75 - TELEFONEMA  
recepção e CRT de Porto Alegre, interior, dia

Vera chega depressa à porta, interroga a recepcionista com o olhar, ela mostra-lhe o fone fora do gancho.

VERA - Alô?

RAUL - (EM OFF) Aqui é o Raul.

VERA - (FORTE MAS BAIXO, DANDO AS COSTAS PARA A RECEPCIONISTA)  
Onde tu te meteu? O Sartori tá louco atrás de ti!

RAUL - (CRT, PORTO ALEGRE) Eu quero que tu venha hoje de tarde à Porto Alegre.

VERA - Tá maluco?

RAUL - É importante. Eu quero voltar contigo.

VERA - Não posso ir. Vem de outro jeito e te prepara. Acho que tem rolo te esperando aqui.

RAUL - Vem! Tô com saudades.

CENA 76 - ENCONTRO EM PORTO ALEGRE  
rua de Porto Alegre, exterior, dia

Vera está sentada dentro do carro, parado no acostamento esquerdo de uma rua movimentada. Apreensiva, ela olha para frente, como se esperasse alguém que já está atrasado. Mas Raul vem por trás do carro, pela calçada. Pára ao lado dela e abre a porta da esquerda.

RAUL - (ANTES QUE ELA POSA REAGIR) Passa pro outro banco, tá?

Vera olha pra ele, sem entender direito, e obedece. Raul olha pra ela um instante, aprovando e agradecendo, mas logo entra no carro e senta no banco do motorista. Liga o carro, que sai.

Vera se inquieta ao perceber que, mais uma vez, Raul tomou o controle da situação. Olha pra ele, que ainda parece desarmado. Mesmo assim, resolve falar.

VERA - (APARENTANDO FIRMEZA) Eu só vim porque eu quero te falar da Marília. Alguém resolveu espalhar o assunto. O Sartori já sabe.

RAUL - (DIRIGINDO, SEM OLHAR PRA ELA) Só ele?

VERA - (DESCONSIDERANDO A PERGUNTA DEPOIS DE UMA PEQUENA HESITAÇÃO) Ele tá desde ontem atrás de ti.

Raul dá uma olhadinha pra ela e sorri levemente. Volta a olhar pra frente. O carro dobra uma esquina e, de repente, Vera percebe que eles não estão voltando para Nova Petrópolis.

VERA - Aonde é que tu tá indo, Raul?

RAUL - Eu tava com saudade.

VERA - (PUXANDO O BRAÇO DELE, INDIGNADA) O quê que tu tá fazendo? Aonde é que tu tá indo? Eu tenho que voltar pra escola.

RAUL - (TENTANDO TRANQUILIZÁ-LA) Eu só quero te mostrar uma coisa.

VERA - (AINDA INDIGNADA, LARGANDO-O) Mostrar o quê, Raul? (OLHANDO PRA FRENTE, PRA RUA, MEIO PATÉTICA) A tua mulher? Os teu filhos? (RESIGNADA, OLHANDO PARA ELE) A tua mãe?

CENA 77 - APARTAMENTO VAZIO  
apartamento vazio, interior, dia

A porta se abre e entram Raul e Vera. Raul, com a chave na mão, fecha a porta atrás dos dois. Conhecendo o ambiente, vai até uma janela e abre-a, iluminando a sala. Vera, séria, olha pros lados, como se procurasse alguma coisa. Mas não há nada no apartamento: só latas de tinta vazias, folhas de jornal espalhadas no chão, alguns cabides, etc.

Vera percebe que Raul está fazendo uma revelação, o que torna a situação especial. Mas não consegue se sentir à vontade naquele lugar.

VERA - (LEVEMENTE IRÔNICA, PRA ALIVIAR A TENSÃO) É aqui que tu mora? (CORRIGINDO-SE) Morava?

RAUL - Morava.

Raul caminha em direção a Vera, que finge não perceber e caminha em direção contrária. Vai até um quarto vazio, olha, ganha tempo pra pensar.

VERA - E as coisas? Não tinha cama, fogão, chuveiro, essas coisas?

RAUL - (PARADO, DE PÉ, PERTO DA PORTA) Vendi tudo.

VERA - (INTERROMPE O PASSEIO E ENCARA RAUL COM GRANDE EXPECTATIVA) Por quê?

RAUL - (FAZ SINAL DE QUE NÃO SABERIA EXPLICAR. VERA ESPERA RESPOSTA. ELE ENCONTRA AS PALAVRAS) Saco cheio.

VERA - E é com essa grana que tu vive?

RAUL - É.

VERA - E antes? (RAUL NÃO RESPONDE) De que tu vivia antes? (SILÊNCIO) Tu trabalhava? Quem mais morava aqui? Pra que tu me trouxe aqui?

RAUL - Não faz tanta pergunta. Eu não quero falar nisso agora. Eu preciso de ti, Vera.

VERA - (IRONIZANDO, PROCURANDO NÃO ENTRAR NO JOGO DELE) Ah, tu precisa de mim? Quer dizer que tu precisa de mim? E tu pensa que, dizendo isso, pode passar por cima de tudo? E eu, Raul? Tu já perguntou se eu preciso de ti? (RAUL, INTIMIDADO, CAMINHA ATÉ UM CANTO DA SALA, SEM DEIXAR DE OLHAR PARA ELA. VERA CONTINUA, MAIS EMOCIONADA) Sabe, a minha vida não era nenhuma maravilha antes de tu aparecer. Mas pelo menos eu conseguia planejar as coisas, eu tinha meu emprego, meus amigos... (RAUL SE AJOELHA E COMEÇA A ABRIR UM JORNAL QUE ESTAVA NO CHÃO DA SALA) Aí tu chega, a gente se conhece, começa a gostar um do outro... Aí, vem a festa, a tua história com a Marília, a tua falta de consideração com as pessoas... comigo.

RAUL - (ABRINDO AS FOLHAS DO JORNAL E ESTENDENDO-AS NO CHÃO, FORMANDO UMA ESPÉCIE DE "CAMA") Tudo bem. (SEM QUALQUER TIPO DE DESAFIO NA VOZ OU NO OLHAR. DESARMADO) Só que agora eu tô precisando de ti. (VERA VAI DIZER ALGUMA COISA, MAS DESISTE. CAMINHA EM SILÊNCIO ATÉ O CANTO ONDE ESTÁ RAUL. INCLINA-SE PERTO DELE, MAS SEM ENCOSTAR NADA NO CHÃO ALÉM DOS PÉS. RAUL OLHA PARA ELA E CONTINUA MONTANDO A "CAMA")

VERA - (SARCÁSTICA, OLHANDO PROS JORNAIS) Isso aí que tu tá montando é pra ser uma cama?

RAUL - (DESISTINDO, LARGANDO O RESTO DOS JORNAIS) Não. (SENTANDO NO CHÃO, DE FRENTE PRA ELA, TRISTE) Acho que é só jornal velho espalhado.

VERA - (AJOELHA-SE NA FRENTE DELE, JÁ QUASE SEM ARGUMENTOS) Raul, a gente tá junto há duas ou três semanas e... eu nunca fiz questão de saber nada de ti. A não ser que... tu tava aqui, comigo... E que podia ser bom. Mas chega um ponto... em que eu... preciso saber quem tu é, de onde tu veio, que tipo de coisa que tu faz, entende? É uma necessidade... concreta. (RAUL OLHA PRA ELA DESCONCERTADO) Eu tô no ar, Raul. Eu não posso gostar de ti... por muito tempo... Se tu continua te escondendo assim.

RAUL - (CONCORDANDO, TRISTE) É... Eu acho que tu... tem direito de pedir isso. (AJOELHA, ENCOSTANDO OS JOELHOS NOS DELA) Mas agora eu não quero falar nada, entende? (OLHAM-SE. RAUL TEM OS OLHOS VERMELHOS, O QUE ESPANTA VERA) Agora eu preciso de ti. Agora na minha vida e agora, agora, aqui, nesse instante. (FECHA OS OLHOS COM FORÇA. SUSPIRA) Tu não vê que fica cada vez mais tarde?

Raul senta sobre o lado esquerdo, apoiando a mão esquerda sobre os jornais, afastando-se levemente de Vera. Vera olha-o longamente. Ele abre os olhos, vira a cabeça e olha. Os dois estão apaixonados. Olham-se intensamente. Abraçam-se. Ele a ajuda a tirar o blusão e a camisa.

CENA 78 - PAPO COM O DIRETOR  
sala da casa do diretor, interior, dia

O diretor chega na sala, colocando os óculos. Está com as mangas da camisa arregaçadas. Raul está sentado lendo uma revista.

RAUL - Oi.

DIRETOR - Bom dia. Eu mandei que tu viesse hoje de manhã no meu gabinete!

RAUL - Não deu. Não tive tempo.

DIRETOR - (SENTA. FALA BAIXO, NÃO QUER QUE ALGUÉM DA CASA ESCUTE, MAS COM RAIVA) Eu não quero envolver minha família com suas sujeiras!

RAUL - Que sujeiras?

DIRETOR - Eu vou te perguntar, porque acho que tu tem o direito de te defender. Mas já aviso que, de qualquer forma, quero que tu sumas daqui amanhã.

RAUL - Pergunta.

DIRETOR - O que aconteceu entre tu e uma aluna chamada Marília?

RAUL - (TEATRAL) Maldita moça! (O DIRETOR NÃO ACREDITA QUE ELE POSSA ESTAR GOZANDO NAQUELA SITUAÇÃO. FICA ESTUPEFATO) Ela me jurou que nunca diria nada! (DÁ UM SOCO NO AR) Nesse momento entra Luísa, a mulher do diretor.

LUÍSA - Está na mesa! (AO MARIDO) Eu convidei o seu Raul para almoçar conosco. (A RAUL) Só que é uma comida bem simples.

RAUL - Eu sou simples.

LUÍSA - Um homem solteiro não deve ter muita oportunidade de comer bem.

RAUL - Nem tanto. (RI)

CENA 79 - ALMOÇO COM O DIRETOR  
casa do diretor, interior, dia

Estão à mesa o diretor, sua esposa, dois filhos pequenos e Raul.

RAUL - Eu só sinto nunca ter feito uma universidade. O senhor foi professor na Federal, né? (DIRETOR CONFIRMA) Pois é, mas quando eu ia fazer vestibular, a coisa tava preta, sabe? (COMEÇA A REPRESENTAR) Eu queria estudar à noite, trabalhar de dia pra pagar

os estudos. Inclusive o sonho do meu finado pai era que eu fosse engenheiro mecânico. Mas a coisa tava preta. Tinha muita gente sendo presa... Até professor dedo-duro tinha. (O DIRETOR GELA)

FILHO - Paiê... O que é dedo-duro?

DIRETOR - (OLHA PARA RAUL COM RAIVA E MEDO) É um jeito de chamar quem denuncia outras pessoas.

RAUL - Assim, ó: (COM O DEDO-DURO, REPRESENTA UMA DELAÇÃO PARA ALGUÉM INDEFINIDO) Aquele, aquele, aquele... (SÓ APONTA PARA O DIRETOR, QUE ESTÁ MUITO TENSO. LUÍSA FICA INTRIGADA) Bang! Bang! E... (PÕE UMA PORÇÃO DE COMIDA NA BOCA) Nhac! (AS CRIANÇAS RIEM DIVERTIDAS. RAUL VOLTA A ATENÇÃO AOS ADULTOS) Eu fiquei com medo da universidade. Tive que parar de estudar contra a minha vontade e meu pai morreu frustrado.

Raul come, com a maior cara de pau. As crianças estão brincando de tiroteio, e Luísa intervém. O diretor aproveita para falar sem tirar os olhos do prato e sem mover a cabeça.

DIRETOR - Tu não presta. Tu não ia ter coragem.

RAUL - (DA MESMA FORMA) Arrisca! (OLHA PARA O DIRETOR E EM SEGUIDA PARA LUÍSA, QUE VOLTA O ROSTO PARA ELES) Que maravilhosa comida, Dona Luísa.

CENA 80 - FRIEZA

casa de Vera, interior, noite

Vera e Raul deitados, acordando. Vera passa as pontas dos dedos sobre o rosto de Raul.

VERA - Tu tem que ir embora, são cinco e meia.

Raul tenta morder os dedos de Vera. Ela está de camisola. Ele começa a beijá-la na barriga, no peito. Vera apenas afaga os cabelos dele, olhando fixo o teto. Raul nota.

RAUL - (DE SACO CHEIO) Que foi?

Vera apenas olha Raul. Ele recomeça os carinhos. Aperta suas mãos nas pernas dela, parcialmente nuas. Ele para bruscamente.

RAUL - Qual é, pô? (ELA APENAS O OLHA) Nem ontem de noite, nem agora... (VERA CONTINUA EM SILÊNCIO) Pra quê tu me pediu pra dormir aqui, então?

VERA - Saudade, Raul.

RAUL - Não diga! Imagina se não sentisse nada!

Raul senta-se à beira da cama. Vera olha-o, sincera. Escora-se na parede.

VERA - Raul, eu tô triste, muito triste. Eu tô sozinha. Eu preciso de ti, tu imagina o que significa isso?

RAUL - (SECO) E gostou dos meus serviços? Sou ou não sou uma ótima dama de companhia?

VERA - Vai embora, Raul. Vai embora, não quero que tu fique aqui e nem quero que tu volte. Não quero mais te ver. Tá? Tu me faz muito mal, eu sinto uma dependência enorme, tenho raiva de ti por isso, mas sinto tua falta quando tu não tá por perto. Eu quero acabar com isso!

RAUL - Tu tem raiva de mim porque tu é dependente?

VERA - É ruim, Raul. É ruim o tempo todo. Eu nunca tô feliz, sempre te esperando ou então com raiva de ti. Quero que tu desapareça da minha vida. Eu me acostumo.

RAUL - Tu é neurótica, Vera. Louca, maluca. (LEVANTA E COMEÇA A SE VESTIR) Tá tudo um saco: tu é chata, a vida é chata, não tem jeito de fazer as coisas que não seja um saco. E eu acho um saco ter que ouvir estas besteiras.

VERA - Me dá um beijo, Raul.

RAUL - Não tem beijo. E nunca mais vou encher o teu saco. (SAI)

VERA - (SEUS OLHOS ENCHEM-SE DE LÁGRIMAS; ELA FICA PENSANDO) Me promete isso, Raul.

CENA 81 - OLHOS VERMELHOS  
pátio da escola, exterior, manhã

Leandro vê Raul descer a rampa, com a sacola e a bolsa a tiracolo. Olha muito tempo a cena, pensa em Vera. Quando se dirige ao pátio da escola, encontra Vera, olhos vermelhos, olhando Raul descer. Ela sorri para Leandro, meio sem jeito.

LEANDRO - Vou tomar chá hoje. (VERA FAZ QUE SIM COM A CABEÇA)

CENA 82 - RAUL NO ÔNIBUS  
estrada, exterior, dia

Raul está no ônibus. Seu rosto está tenso, mas basicamente neutro. Viaja olhando a paisagem que passa. Sentimos a tensão aumentar. O ônibus pára numa rodoviária.

CENA 83 - DEDICATÓRIA

casa de Leandro, interior, dia

Leandro está sentado na frente da escrivaninha. À sua frente há um caderno aberto numa página em branco. Escreve "te amo" no papel. Olha, surpreso com o que acabou de escrever. Pensa. Toma uma decisão. Arranca a folha do caderno, com cuidado, dobra-a e guarda-a na gaveta. Levanta e sai, resoluto.

CENA 84 - SUICÍDIO

bar da rodoviária, interior, dia

Raul senta numa mesa. Há mais gente no bar. Ele olha as pessoas e tira o revólver do bolso do casaco. Fica olhando o revolver na mão. Algumas pessoas notam, ficam nervosas.

Um homem atrás do balcão faz sinal a um garçom, que resolve aproximar-se lentamente. Mas, antes de chegar a Raul, este põe o cano da arma na boca e suicida-se, olhando as pessoas atarantadas ao seu redor.

CENA 85 - ARRUMANDO AS MALAS

casa de Vera, interior, dia

Vera está arrumando suas coisas em malas e sacolas, pequenos objetos, roupas, livros. Leandro, inativo e atrapalhado, olha, geralmente perturbando a atividade frenética de Vera.

VERA - Não vou ficar aqui, achando que um dia talvez as coisas mudem.

LEANDRO - Eu estava há tempo querendo te falar.

VERA - Mas foi melhor decidir sozinha. Na casa da minha mãe eu resolvo o que fazer.

LEANDRO - (TENTA UMA DECLARAÇÃO ATRAPALHADA) Aquele dia lá no lago...

VERA - (PARA NA SUA FRENTE, COMO QUE SE DESCULPANDO) Eu tava muito mal. (PENSA) Mas tava certa. Sinto um enorme alívio agora, sabe? Leva isso pra mim? (LEANDRO, SEM JEITO, PEGA A SACOLA E A LEVA PARA FORA. VOLTA, DECIDIDO A FALAR)

LEANDRO - Vera, vou sentir muito tua falta...

VERA - (INTERROMPENDO-O DE NOVO) Eu tenho que ir rápido. Não quero que ninguém venha tentar falar comigo agora. Mas eu volto daqui a uns dias pra acertar tudo e pegar o resto.

LEANDRO - (AINDA ÀS VOLTAS COM SUA DECLARAÇÃO) Sabe, tu é uma pessoa fantástica, que me fascina. Aquele dia lá no lago...

VERA - (OLHA-O, SÉRIA, O QUE O FAZ PARAR DE FALAR) Queria te pedir uma coisa: (LEANDRO FICA NERVOSÍSSIMO) Entrega essa carta pro Raul quando ele voltar.

LEANDRO - Mas ele foi de mala e tudo!

VERA - Ele sempre volta.

CENA 86 - DESPEDIDA DE LEANDRO E VERA  
casa de Vera, exterior, dia

Vera colocou suas coisas no banco de trás do carro, enchendo-o completamente. Leandro ainda está com a carta na mão, muito acabrunhado. Vera beija-o rapidamente e aponta a carta.

VERA - Se ele demorar, queima.

Entra no carro.

CENA 87 - CARONA NEGADA  
estrada, exterior, dia

Vera sai da escola. Anda alguns metros e vê um grupo de alunos pedindo carona. Não para, faz o sinal de que o carro está cheio. Os alunos fazem cara de "claro, professora, né!" Vera sorri, amarga.

CENA 88 - FIM  
pátio da escola, exterior, dia

Leandro anda na direção de sua casa, com a carta na mão. Alguns alunos, entre doze e treze anos de idade, em alta galinhagem, vêm-no e interrompem bruscamente a brincadeira, passando perto dele em fingido comportamento.

Logo que Leandro passa, um dos alunos mostra-lhe a língua, outro imita o seu modo de andar e um terceiro volta a fumar do cigarro que havia escondido na mão em concha.

FIM

\*\*\*\*\*

(c) Werner Schünemann, Rudi Lagemann, Giba Assis Brasil e Luis Henrique Palese, 1983  
<https://www.casacinepoa.com.br>